Qual é a diferença entre Raskolnikov e Mersault? Raskolnikov acredita que tem que haver um regime de direito especial pra ele, porque ele acredita que tem direito a fazer coisas que os outros não podem. Raskolnikov, ao contrário de Mersault, tem consciência moral. A diferença dos dois é que o Raskolnikov tem a consciência moral deturpada, tem um desvio de consciência moral, enquanto que o Mersault não tem consciência moral nenhuma.

O quê é a consciência moral? É algo que todo mundo tem naturalmente, todo mundo nasce com isso, e ela é uma tendência de bifurcar a vontade. Todo mundo que tem consciência moral sabe que tem porque já passou muitas vezes pela experiência de estar em dúvida se faz uma coisa ou não faz, se diz ou não diz. O fato de que você não sabe o que fazer é a prova de que você tem consciência moral. O ser humano é o ser que não sabe o que fazer.

Raskolnikov é um psicopata, é o sujeito que tem uma espécie de perversão no sentido de quem ele de fato é. O Mersault não chega a ser isso, porque ele não tem nenhuma idéia do que é certo ou errado. Ele diz para o capelão no final do livro: “eu nem sei o que é pecado”, ele não tem idéia do que é certo ou errado, ele não tem a tal da bifurcação moral que tem os outros, que diz: “será que eu mato ou não mato?”.

A questão fundamental, em última análise, é que o Mersault não é uma entidade abstrata, não é alguém que apenas é teoricamente capaz de ser assim, mas a possibilidade de ser como o Mersault (não de ser igual a ele, porque ninguém é igual a outro), mas a possibilidade de ser logicamente como o Mersault [seguir uma lógica que ele segue] é uma possibilidade real e concreta de qualquer pessoa, que é aquela situação em que você se encontra quando você está omisso moralmente com relação a alguma coisa que está acontecendo em torno de você. A inexistência da percepção do certo e errado é algo que pode acontecer com todas as pessoas.

O Mersault é um exemplo absolutamente extremo, porque ele é uma entidade literária; as entidades literárias nunca são exatamente como é a vida real. O problema da arte é assim: uma vez havia uma

exposição do Matisse, na qual havia um quadro com uma mulher verde, e chegou uma pessoa e falou:

- Monsieur Matisse, esta mulher é verde!

Daí ele falou:

- Mas isto não é uma mulher, isto é um quadro!

A obra literária, de alguma maneira, faz alguma distorção caricatural da realidade.

Os grandes livros tendem a ser muito profícuos em possibilidades de interpretação. No entanto, tem sempre alguma coisa fundamental que é o coração da obra, que é o que no fundo nos fará utilizar esta obra para aumentar a nossa cultura. O caso aqui é de alguém que não tem consciência moral, alguém que perdeu a capacidade de distinguir o certo do errado.

Por que que todos os tipos de análise funcionam até certo ponto? Porque o sujeito que senta na frente de um analista e consegue contar o problema, quando você conta o problema, você de alguma maneira organiza o sofrimento.

Mersault é uma pessoa de quantidade. Ele é sensorial, só consegue entender e ver valor naquilo que implica em sensações, então ele é um buraco absoluto de qualidade. Ele tem uma vida sem qualidade nenhuma, ele não tem um conceito sobre ele próprio, a mãe dele não representa nada, a não ser uma pessoa que deu à luz pra ele, a Marie não significa nada, a não ser uma relação sexual. A vida para ele é apenas uma expectativa de novas sensações. No final ele meio que se desespera [quando percebe que está para ser executado] porque não dá mais pra tomar chope. É mais um problema de inviabilidade da vida sensorial que ele vai sentindo na medida em que chega perto da morte, do que uma auto-consciência da monstruosidade moral que ele vivencia.

O sol é sensação pura, é luz, calor. Mersault é um sujeito que vive o mundo da dialética das sensações, ele é um sujeito que é manipulado pelas sensações: mar, sol etc., ele não tem uma existência moral de imaginar que ele deve fazer isso ou não deve

fazer aquilo, que ele pode eventualmente trocar isso por aquilo outro, ele não tem essa idéia; ele é um ser submetido às influências sensoriais do meio. Vocês conhecem algum povo que parece ser assim? Vocês compreendem o quanto o brasileiro parece com o Mersault? O brasileiro é um sujeito que tem o projeto pessoal da dialética das emoções, as pessoas vêem a proposta de vida como sendo uma proposta de curtir o que der. Essa idéia é uma idéia quantitativa, não dá pra fazer civilizações com isso, embora se possa ter uma vida divertida.

Mas por que eu disse para vocês que o Mersault e o Raskolnikov estão profundamente associados? O Raskolnikov tem duas chances na vida: ou ele vai pro hospício, ou ele vira presidente da república, quando os outros são Mersaults. Quando o resto não é Mersault, eles percebem: "peraí, meu filho, você está louco, você tem que ir pro hospício". No hospício não tem um monte de gente que acha que é Napoleão, Moisés etc.? O problema desses loucos é que eles só ficam famosos e importantes quando o resto da turma não tem a possibilidade de julgar se ele é ou não é, se ele tem ou não tem alguma validade moral. O Raskolnikov precisa, para poder reinar, de uma sociedade em torno dele que não tenha mais consciência moral do que é certo. Só é possível existir o Raskolnikov com poder – porque o Raskolnikov no Crime e Castigo vai para o hospício mesmo –, ele passa a ter poder verdadeiro se todo mundo em volta é Mersault.

Aluna diz que eles passam a ter poder com a eleição.

Professor responde: mas os políticos podem ter a idéia que quiserem, mas eles esbarram no senso comum, na idéia do que é certo e errado etc.

Aluna faz comentário.

Professor: mas há gradações nisso. Um político que faz promessas é muito diferente de uma pessoa que é louca e diz assim: "eu sou um sujeito que tem que ser eleito, porque eu vou criar uma sociedade do homem novo; então se vocês me elegerem, eu vou criar uma sociedade onde não há mais fome, não há mais inveja, não há mais intriga, uma sociedade de pessoas que serão

profundamente diferentes. Uma pessoa que tem essa idéia é um louco; é um louco porque ele está se colocando no lugar de Deus.

Se eu prometo para o mundo que “eu vou criar uma nova sociedade humana, eu vou construir o homem novo”, toda vez que você ouvir isso de alguém, você desconfie profundamente, porque trata-se de um maluco que está ali, porque veja, você não consegue nem parar de fumar, vai construir o homem novo de que jeito? Em nome do quê você acha que tem o poder de criar uma nova criatura humana, se Deus, que é Deus, fez do jeito que é? Então esse sujeito que propõe uma coisa dessa pode receber dois tipos de resposta: se o mundo em volta dele é um mundo que tem um mínimo de idéia das coisas, vão colocar o sujeito no hospício; mas se as pessoas em volta são Mersault, que não conseguem distinguir o que está certo do que está errado, o sujeito vira presidente da república.

O que O Estrangeiro ajuda a entender é que o Mersault é o tipo humano dominante no mundo em que nós estamos, embora não tenha sido essa, provavelmente, a intenção do Albert Camus, porque o que o Albert Camus queria fazer é falar do absurdo, porque ele acha que a vida é absurda. O que ele quer dizer com isso? Que nada na vida faz sentido. Ele acha isso. O Jean-Paul Sartre também acha isso, e o livro no qual ele conta isso chama-se A Náusea. Mas pára aí a semelhança entre o Sartre e o Camus, porque daí pra frente eles são muito diferentes.

Se vocês puderem ler O Mito de Sísifo, Camus diz que frente à absuridade da vida há quatro maneiras de agir:

- Você escolhe ter uma vida tão absurda quanto o absurdo da vida. Quem é assim é o Don Juan, é o sujeito cuja existência é voltada apenas a ter mais de uma mulher por noite.

- O suicídio, tanto é que o Mito de Sísifo começa dizendo que o suicídio é o único problema filosófico verdadeiro. Já que é uma absurdidade total, você se mata e pronto, acabou.

- Você tentar produzir um mundo novo no lugar desse que tem aqui, como faz Ivan Karamazov, que diz assim: “não é que eu não gosto de Deus,mas eu não gosto da obra de Deus; então eu vou pegar

esta obra, jogar fora e colocar uma outra obra, humana, no lugar”. Aí o que é que você inventa? Você inventa, com isso, o Robespierre e o Saint-Just, que são os monstros da Revolução Francesa, os sujeitos que acham que tem mais capacidade de fazer justiça do que Deus. Camus escreve O Homem Revoltado justamente para contar isso, que há uma turma que resolve o problema assim, e o Sartre, embora não seja citado no livro, logo vestiu a carapuça, e por isso que eles acabaram rompendo a amizade [esta maneira de lidar com a vida não está n´O Mito de Sísifo, mas n´O Homem Revoltado].

- Você conviver com a absurdidade da vida. Para Camus, esta é a única maneira certa de lidar com a vida. Ele acha que o Mersault está fazendo isto, ao não entrar no jogo, ao manter-se distante. No entanto, o resultado que ele consegue no romance é apenas um sujeito amoral.

A verdade é que qualquer opção dessas quatro vai gerar alguma monstruosidade. O suicídio é inútil, e é um desrespeito imenso a Deus. A única coisa que Deus não te perdoa é fazer de conta que Ele não existe, é desconhecê-lo, é aquilo que se diz hoje, muito indevidamente, em Português, “ignorar” – porque em Português esta palavra nunca teve este sentido. Ignorar é não saber alguma coisa. Ignorar no sentido de desprezar é um americanismo, um anglicismo. Então o maior dos pecados é o desprezo da existência de Deus, que é o caso do suicida.

A fórmula de passar a vida como um Don Juan é uma fórmula enlouquecida, você só vai gerar uns malucos.

A fórmula de tentar construir uma sociedade justa por critérios humanos gera 100 milhões de mortos no século XX.

A fórmula de recusar a absurdidade, tentando sobreviver, gera a matéria-prima social para permitir que os malucos autores da terceira fórmula possam existir. O Raskolnikov só sai do hospício se eu preencher o mundo de Mersaults, que não aqueles sujeitos que perderam a noção de certo e errado.

Portanto, se você quer entender o mundo contemporâneo, é entender um pouco de Raskolnikov e um pouco de Mersault, porque um não existe sem o outro; um sem o outro não consegue produzir nenhum processo que tenha significado qualquer; seriam apenas atitudes patológicas teóricas. No entanto, eles nos amolam imensamente porque eles são pessoas que existem e estão soltas por aí.

Aluna faz comentário.

Professor: o problema não é questão de esperança. Eu acho que o problema central do Brasil é a falta de cultura, mas não no sentido de diploma, porque com esse negócio de ter faculdade aos montes, todo mundo tem diploma. Como dizia o Barão de Itararé, "diploma não diminui a orelha de ninguém". Vocês conhecem o Barão de Itararé, o Aparício Tonelli? Uma vez ele escreveu no jornal uma piada contra uma pessoa influente, e daí o sujeito mandou um grupo bater nele. Daí foram lá no jornal e deram uma surra nele. Aí quando ele conseguiu voltar a trabalhar, ele botou uma plaquinha na porta: "entre sem bater". O Aparício Tonelli era médico, daí uma vez o professor perguntou assim, na escola de Medicina:

- Aparício, quantos rins nós temos?

- Quatro, professor.

- Não, Aparício, espera um momentinho. Fulano, faz o favor, busca lá um monte de feno.

Daí o Aparício:

- Pra mim um cafezinho.

- Mas como, o sr. acabou de dizer que são quatro!

- Sim, o sr. tem dois, eu tenho dois, são quatro. O sr. perguntou quantos rins nós tínhamos.

Poucos sujeitos são tão engraçados quanto esse Aparício. Ele dizia que o diploma não diminui a orelha de ninguém, sobretudo nos tempos de hoje.

A questão que nós estamos tratando aqui é qualitativa, e não quantitativa. A qualidade é naturalmente propagadora, ela é contaminante do resto.

Se as pessoas tivessem essa idéia do Raskolnikov e do Mersault, se elas tivessem essa idéia na mente elas não votariam nas pessoas em que votam. O problema não é o Clodovil. O Clodovil é apenas uma cacareco moderno. Até é um sujeito de grande mérito, porque ele foi lá esses dias dizer que esse negócio de casamento gay era viadagem, e que ele não concordava, o que é uma coisa genial um sujeito como ele dizer isso.

O processo pelo qual você destrói a distinção entre o certo e o errado começa sempre por um processo que o antecede, que é a distinção entre o real e o imaginário. Pra você poder destruir o senso moral que as pessoas têm, a primeira coisa que precisa fazer é deixar as pessoas em dúvida sobre se aquilo que você imagina é realmente imaginado, ou se aquilo que você imagina pode ser aplicado na prática. Se você quiser entender bem isso é só você ver esse filme Quem somos nós.

Duas alunas dizem:

- Ah, eu adorei esse filme!

Professor diz:

- Não, é o exemplo negativo, é a tentativa de fazer isso!

[HAHAHAHAHAHAHAHAHA!!! Pobre Monir, tendo que agüentar essas bestas-quadradas]

Professor: o que o filme faz, fundamentalmente, é construir essa idéia de que há uma indiferença entre a imaginação e a realidade. Você só consegue destruir o sentido de certo e errado depois que a pessoa não tem mais certeza sobre aquilo que é verdade ou imaginado.